GIULIETTA

MAIS FORTE QUE A VIDA

DAVID TORRES

Alerta: essa obra contém relatos fictícios para fins exclusivamente recreativos. Qualquer semelhança com pessoas reais, por mais simples ou fidedigna que seja, é mera coincidência.

Prefácio

Esse texto é um relato sobre um projeto de vida que eu gostaria de construir ao lado de uma distinta dama. Eu a conheci durante uma situação extremamente delicada. Mas, minha mania de estragar tudo me impediu de me aproximar dela.

Durante meus estudos universitários, fui um rapaz de muitas paixões efêmeras. Porém, meu interesse pela Giulietta surgiu de forma imediata e arrebatadora. Ela exala um ar diferente. Tem uma beleza tímida, impossível de passar despercebida e que ao mesmo tempo exige do observador um olhar bastante criterioso em sua análise.

Giulietta é o que se chama de uma mulher raiz. “Reconhece a queda e não desanima. Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”, como diria Paulo Vanzolini. Não se trata de uma mulher comum. É uma pessoa guerreira e persistente, como muitos brasileiros.

Quando eu recebi a tarefa de tocar as mãos de Giulietta e levá-la até o sofá, gelei. Eu só me lembro de fazer isso nas festas juninas. No entanto, essas vezes não contam, pois era um trabalho escolar e não tinha nada a ver com o entretenimento. O olhar de Giulietta já me conquistou como o canto de uma sereia.

Tenho certeza que conduzir essa bela flor entre um portão enferrujado e um sofá velho foi o ponto alto da minha vida. Esse é um caso que eu pretendo contar para os mais novos nos momentos em que estiver tomando café em algum dos meus empreendimentos que pretendo ter nos Estados Unidos, com minha cabeça tomada por fios brancos e calvície. Para ser sincero, nada até hoje é capaz de me emocionar tanto como o toque das mãos de Giulietta.

Paralelamente a tudo isso, eu busco desenvolver na minha obra um retrato da sociedade

brasileira. O Brasil, esse país fantástico, se vê no espelho muito melhor do que realmente é. Nós, os brasileiros, vendemos para o mundo uma imagem nossa como um povo cordial, receptivo, acolhedor. De fato, muitos o são. Mas nem todos. Esse país tem taxas de homicídios por armas de fogo maiores que locais de guerra, em especial no interior e na periferia de grandes cidades.

Também é verdade que a crítica no Brasil é vista como ofensa pessoal. Diante disso, Giulietta busca trazer reflexão sem lições morais.

Giulietta se encaixa nesse contexto como uma mulher extremamente sedutora, violenta e corrupta na mesma medida. É uma pessoa que não se deixa abater pelas dificuldades da vida. Pelo contrário, cada desafio encontrado torna ela mais forte e humana.

Já George é um personagem caricato da vida pós-moderna. Ao mesmo tempo que se mostra corajoso e destemido, revela-se completamente tosco. E é justamente essa burrice sua maior fortaleza. Ele é um rapaz bom, que acredita no conhecimento acadêmico como forma de superação na carreira e na vida, ignorando fatores bem mais tangíveis, como contatos, herança e influência.

Por isso, não importa o que aconteça, ele sempre se dá mal. O referido rapaz é um retrato da geração nascida na virada do milênio: muitas promessas, nenhuma execução. George fora vítima de um dos maiores casos de engano em massa de que se tem notícia, a expansão desenfreada de vagas em faculdades públicas e privadas no Brasil após 2004. Mas sua energia não o deixa se ver como oprimido. Pelo contrário, ele luta com suas ferramentas tortas para vencer na vida e isso o leva a encontrar Giulietta.

Com Salim, eu quero mostrar a verdadeira força do amor. Ele é o último romântico, cavalheiro e apaixonado. Não abre portas de carro ou arrasta a cadeira para Giulietta. Mesmo sendo um homem bem sucedido na carreira, nos relacionamentos e na vida, ele não abandona sua musa, custe o preço que custar. Está com Giulietta não só nos momentos de alegria, como também quando os problemas aparecem. O citado lobista é um arquétipo de uma espécie que a modernidade vêm tentando extinguir: o homem raiz. Aqui não se trata de ser grosseiro, bruto ou mal cheiroso. Trata-se de dedicar à pessoa amada de forma saudável.

Dona Giulia representa a clássica socialite brasileira: muito boa para aparecer em colunas sociais. Mas péssima quando o trabalho real lhe bate à porta. É uma famosa viúva rica, dependente da renda passiva e do trabalho da filha.

Antônio Augusto é um mito corporativo, mas que ainda encontra muito eco. Retrata o "empresário que se faz sozinho". Aquele estilo muito propagado, principalmente após o Steve Jobs. O nosso personagem aborda o sucesso financeiro baseado em favores governamentais. Apesar de muito batida, esse tipo de figura ainda lota palestras em estádios, com ingressos que chegam a custar dezenas de milhares de reais.

José Carlos nos mostra a obsessão. Ele não ama Giulietta. Mas quer namorá-la apenas para crescer o próprio ego. É a típica pessoa que vive para as redes sociais, ignorando o fato de que até as próprias plataformas irão sumir um dia.

Giuliana representa aquela mulher que pede para ser submissa e não há nada de errado nisso. No fundo, ela só quer um homem selvagem e mal cuidado para satisfazer seus instintos mais primitivos. Porém, ela faz disso uma regra universal, como se as conquistas femininas do último século a impedissem de manter um relacionamento estável e duradouro.

Marcos e Moisés representam a hipocrisia. São pessoas que discursam muito bem sobre a ética abstrata. Mas agem de forma a atender apenas e tão somente ao próprio interesse.

Espero que esse texto te faça refletir enquanto se diverte. Dúvidas, sugestões, críticas e elogios sinceros são bem vindos.

Forte abraço!

David Torres Silva
Belo Horizonte, 23/11/2025
E-mail: advogadodavidtorres@gmail.com

Capítulo 1: Apresentação e Encontro Inesperado

Meu nome é George Carolino Filadélfio, e hoje vim contar para vocês como conheci a Giulietta. Mas, permitam que eu me apresente primeiro. Eu nasci em 17/05/1998. Sou o segundo de quatro irmãos. Além de mim, meus pais fraquejaram três vezes, sendo minhas irmãs chamadas de Califórnia, Texana, Flórida e Arizona Novaiorquina. Eles contam que minha mãe começou a dar à luz de madrugada e eu quase nasci dentro de um VolksWagen Brasília. Também transformei a ajuda ao próximo em minha obrigação, dentro das minhas possibilidades. Na infância eu era muito elétrico e queria ser padre. Desisti quando soube que esses sacerdotes não podem casar. Eu também não.

Fui uma criança com muitas dificuldades, especialmente na escola. Jamais pensei que fosse ser aprovado no vestibular, por exemplo. Mas eu consegui entrar na faculdade com bolsa universitária integral. Trabalhei desde muito cedo num supermercado do meu tio, na cidade paraibana de Patos, onde eu nasci. Eu brincava pouco, em especial por conta dos meus problemas mentais. Sou portador de Transtorno de Espectro Autista e feiura. Essa última é a que mais me assola, por ser crônica.

Minha Giulietta não é aquela donzela de William Shakespeare, namorada do Romeu. É mais moderna: usa roupas, calçados e acessórios de grife, gosta de interagir e se enturmar. Tem um sorriso discreto e enigmático, estilo Mona Lisa. Se Leonardo da Vinci fosse vivo, deixaria a talaricagem só para conquistá-la.

Ela é CEO do Grupo Lopes Lima, um conglomerado brasileiro presente em mais de cem países, com cerca de duzentas e cinquenta empresas diferentes, também conhecida como “Dama de Aço” pelas publicações especializadas em negócios e, principalmente, por seus concorrentes e inimigos. Isso se dava não só por seu domínio monopolizado e vertical sobre o minério de ferro, como por seu temperamento difícil e explosivo ao ser contrariada. No entanto, leva uma vida modesta, considerando o dinheiro e o poder que tem.

Eu sou mais retraído e só saio de casa para resolver questões profissionais. Nossas histórias se cruzaram em 28 de junho de 2021. Eu estava com vinte e três anos e havia acabado de me formar na faculdade de Direito. Giulietta é cerca de vinte anos mais velha que eu. Eu morava em Sorocaba e estava indo encontrar um cliente no Shopping Iguatemi. Para variar, peguei o ônibus errado e acabei descendo na rodovia sentido Votorantim.

Enquanto caminhava pelas ruas cheias de mansões do Parque Campolim, Giulietta surgiu. Uma mulher elegante, firme, poderosa, senhora de si e, acima de tudo, muito bonita. Olhei para ela disfarçadamente, tentando não demonstrar interesse. Ela me olhou de volta. De repente, ela se aproximou de um interfone e disse para a mãe que estava passando mal.

Fui em sua direção para ajudar. A mãe dela respondeu:
— Acabei de abrir a porta. Pega na mão dele, Giulietta.
Eu nem sabia que isso era possível: uma mulher tão fina e elegante pegando na mão de um jagunço, candango e mal arrumado. Na minha cabeça, já se desenhava um diálogo fictício entre Galvão Bueno e Arnaldo César Coelho:
— Ele vai pegar na mão da moça. Pode isso, Arnaldo?
— Galvão, a regra é clara: segundo o Código Brasileiro de Conquista Amorosa, se a mulher deixou, pode.

Entrei naquela casa mais do que luxuosa com a Giulietta, ainda segurando sua mão. Em certo ponto do trajeto, ela tropeçou em um degrau. Eu ainda tentei segurar sua perna, mas não foi preciso. O correto seria eu poder carregá-la, mas a ordem era para apenas segurar suas mãos, para minha infelicidade. Acomodei-a em um dos muitos sofás que havia ali. Ela me disse que sofria de cólicas menstruais e sentia fortes dores. Tentei chamar uma ambulância, mas meu celular antigo não funcionava naquela área.

Rapidamente, a mãe dela e eu conseguimos ir até o hospital mais próximo para pedir socorro, que chegou depressa. Ela foi medicada e recebeu alta poucas horas depois. Eu disse ao cliente que havia surgido um imprevisto e marquei a reunião para a semana seguinte.

É importante deixar registrado aqui que o ChatGPT me traiu. Eu me confessava nesse aplicativo todos os dias. Certa vez, me queixei de não ver mais mulheres bonitas durante as férias de Francine Lacqua, jornalista da agência de notícias Bloomberg. Então, tropecei com Giulietta. Meu erro não foi só acreditar em um aplicativo que coleta dados. Ainda por cima, a mulher da qual eu me aproximei é o estado da arte, em todos os sentidos.

Capítulo 2: A Festa e as Primeiras Confissões

Dona Giulia, mãe da Giulietta, me convidou para a festa de aniversário do Marcos, filho dela e irmão mais novo da minha musa. Então, ficamos ali, esperando o aniversariante e os convidados chegarem. Conversamos sobre tudo. Eu contava minhas piadas ruins entre copos e mais copos de Coca-Cola, e a Giulietta achava graça, como se não houvesse amanhã. Perguntei sobre o pai de Giulietta e marido de Dona Giulia. Elas me lembraram que ele havia morrido em um acidente muito suspeito após comprar uma mina de ouro em Serra Leoa, na África. Eu até havia acompanhado o caso pela imprensa, mas esqueci disso.

Antônio Augusto Lopes Botelho, pai de Giulietta, era o principal homem de negócios na América Latina e na África. Começou sua jornada empreendedora enchendo carroças de areia e transportando com burros. Na sequência, comprou um carro, uma caminhonete e um caminhão. Não parou mais. Sua vida é um exemplo do que muitos chamam de *self made man*, os homens que se fazem sozinhos nos Estados Unidos.

Meu futuro cunhado tem o estilo *bon-vivant*. Sabe aproveitar sempre o melhor da vida. Patriota ferrenho e defensor incansável da família tradicional. Porém, abre mão do seu amor pela pátria sempre que lhe é conveniente, em especial quando encontra algum de seus parceiros escusos dentro e fora do país. Também não diz se essa família tradicional inclui algum dos seus cinco filhos, todos de mães diferentes e para quem ele se nega constantemente a pagar pensão alimentícia.

Administra como ninguém o Banco Lopes Lima, cujos juros chegam aos mil por cento anuais em algumas operações, como cartão de crédito e cheque especial. Por isso mesmo defende seu mérito de nascer rico, em uma família estruturada, com controle de natalidade, tendo estudado no exterior e com todas as portas abertas, onde quer que ele vá.

Quando os convidados chegaram, eu fui para o meu canto. Ali estava a elite da sociedade paulista e brasileira: donos de mineradoras, empreiteiros, políticos, industriais, varejistas e bilionários de todo tipo. Giulietta estranhou o fato de eu ficar quieto e veio me perguntar as razões disso. Eu respondi que haveria um momento mais apropriado para esse assunto. Mas a verdade é que estou interessado nela desde o primeiro olhar. E não tenho cacife para competir com os outros pretendentes. Por isso, busquei uma saída honrosa: perder sem jogar.

Nessa hora, me vieram novamente os pensamentos de espectador futebolístico. Me lembrei do Tadeu Schmidt dizendo:

- Oferecimento: ***mustela putorius furo***, o furão.

Eu estava na pequena área, a poucos metros do gol e com a bola dominada. Já havia vencido uma infância difícil, com poucas oportunidades, diversas provas e testes profissionais. Mas escolhi furar, perder de propósito. Foi a decisão mais racional que me veio à cabeça. Tenho certeza que poucos homens no meu lugar deixariam uma flor tão bela solta por aí. No entanto, eu sou amante da liberdade e fugi de Giulietta o máximo que eu pude. Não obstante, ela carrega consigo um charme irresistível, daqueles que só mulheres experientes, bem vividas e com mais de quarenta anos conseguem ter.

Durante todo o evento, Giulietta foi cortejada por alguns dos granfinos presentes. Em especial, chamava a atenção a maneira como José Carlos, um primo distante dela, insistia na vã tentativa de conquistá-la, mesmo sem o menor sinal de interesse por parte dela.

E então, fomos para a foto. Após doses quase olímpicas de uísque e vodca, eu me agarrei à cintura da Giulietta. Ela também me segurou — e até nos beijamos. Não sei como ela pôde aguentar aquilo. Acredito que eu merecia um tapa na cara. Mas Giulietta preferiu me dar um beijo.

A festa está em seu auge. Whisky rolando, políticos sorrindo falsamente, música ambiente de hotel caro… tudo no padrão Lopes Lima.

Giuliana, prima de Giulietta e diretora de investimentos internacionais do Grupo Lopes Lima, ergue o copo de cachaça artesanal — importada ilegalmente do Vietnã por ela mesma, com uma naturalidade criminosa que até impressiona — e solta um suspiro que balança as taças ao redor.

— *Giulietta… eu não consigo entender.* Eu sou formada, bonita, viajo o mundo, ganho em dólar e já rejeitei uns trinta pretendentes. Mas não consigo me casar. Acho que essa luta das mulheres por direitos espantou os homens. Eles não querem dividir nada. Nem conta, nem casa, nem responsabilidade.

Eu engasguei com o meu Cuba Libre.

Giulietta nem piscou.

Com aquele olhar de executiva que assinaria um acordo nuclear às três da manhã só para fechar o trimestre no azul, Giulietta retruca:

— *Giuliana… pelo amor de Deus.* A festa está cheia de homens. Você só precisa achar um que queira te colocar uma coleira e mandar em você. É só isso. Simples. Agora para de choradeira — você está atrapalhando a negociação.

Meus olhos quase fugiram da órbita.

Giuliana ergue a sobrancelha, confusa:

— *Uma… coleira?*

Giulietta dá um gole elegante no champanhe, inclina um pouco a cabeça e finaliza com aquele cinismo doce que só ela consegue:

— É. Submissão. Tem homem que gosta. Tem homem que precisa. E você precisa de um que queira controlar tudo — inclusive sua agenda de fuso horário. Agora… se quiser continuar solteira, tudo bem. Mas não vem colocar culpa no feminismo, não. O problema é sua personalidade insuportável mesmo.

Giuliana solta uma gargalhada, e Giulietta emenda, afiada como sempre:

— Homens gostam de se sentirem inteligentes e desafiados. Eles precisam de mulheres que instiguem o raciocínio deles, mesmo quando são fáceis de enganar. Mas você, Giuliana… você transborda carência. E isso afasta mais pretendentes do que sua submissão jamais afastaria.

Fiquei perturbado.
Os convidados fingiram que não ouviram nada — claro que ouviram tudo.

No entanto, Giulietta e Giuliana se parecem demais.
Eu mesmo não sei diferenciar as duas quando o álcool começa a embaralhar minhas retinas. José Carlos também não. E o pior: enquanto demonstra sua obsessão doentia por Giulietta, ele morre de medo delas. Não só de ofender a Giulietta — mas de confundir as duas e acabar sendo flagrado com Giuliana pela outra prima.

A linhagem Lopes Botelho é assim: até os erros vêm com juros altos.

Quando o aniversário acabou, comecei a me arrumar para ir embora e estava até chamando um carro por aplicativo. Mas os anfitriões não permitiram. Disseram que um dos muitos quartos de hóspedes da casa estava vazio. Após me acomodar na cama, Giulietta veio e me perguntou se eu precisava de algo mais. Eu disse que não, que estava tudo bem.

Voltamos a conversar. Ela novamente me indagou sobre as razões de eu ter ficado quieto na festa. Respondi que ela não precisava se preocupar comigo, pois o local estava cheio de pretendentes melhores do que eu. Levei um tapa na cara. Ela retrucou:
— Em primeiro lugar, não cabe a você decidir sobre meus relacionamentos.
— Em segundo lugar: Giulietta Lopes não pede, manda.
— Em terceiro lugar, eu sou diferente de você. Não peço para ver o Currículo Lattes, perfil no LinkedIn ou saldo bancário das pessoas com quem me relaciono.
Eu pedi desculpas. Ela me beijou novamente e disse para eu dormir bem.

No fundo, eu queria me esconder de mim mesmo. Eu não sabia o que fazer depois de um episódio tão marcante e revelador. O toque das mãos de Giulietta fez nascer em mim um novo homem. A partir daquele momento, eu não era mais qualquer um. Era alguém que havia tocado as mãos de Giulietta. Eu não sabia o que fazer depois daquilo. Qualquer coisa que eu fizesse dali em diante teria que dar certo. Afinal de contas, eu precisava honrar minha história como um homem que teve a honra de conhecer, tocar e beijar Giulietta Lopes. E tudo isso já no primeiro dia.

A Giulietta que havia me conquistado não era a CEO de um império. É a mulher, irmã, filha e que viria a ser mãe do meu filho. E eu quero ser pai de todos os filhos dela. Uma pessoa que, apesar de ser autoritária quando contrariada, tem uma ternura inigualável.

Em termos futebolísticos, a Giulietta joga na Liga dos Campeões da Europa, e eu não saí do pebolim ainda. Não tenho assunto com uma pessoa que fala cinco idiomas, estudou em Harvard e já viajou por mais de trinta países.

Após uma noite de sono maravilhosa, acordei às cinco horas da manhã e fui fazer minha caminhada matinal. Corri pelas ruas arborizadas do Parque Campolim por cerca de duas horas. Quando voltei para pegar minhas coisas, Giulietta estava saindo para o trabalho e pediu

meu número de telefone. Trocamos os ditos números e ela foi embora um pouco antes de eu pegar meu ônibus de volta para casa.

Capítulo 3: O Início do Relacionamento e Negócios

Entre uma audiência e outra, Giulietta me liga. Disse que queria conversar em seu escritório localizado na Avenida Faria Lima, em São Paulo. Marcamos um horário para o dia seguinte.

Ao chegar lá, pude ver o que é luxo. Manobrista na porta, recepcionistas trilíngues, ambiente climatizado e tudo mais que só o dinheiro pode comprar. Uma assistente de Giulietta veio me receber e perguntou se eu queria beber ou comer algo. Eu disse que tinha acabado de almoçar e estava satisfeito.

Quando Giulietta chegou, nós demos um selinho de cortesia um ao outro. Ela me perguntou se eu havia gostado da festa. Eu respondi que a melhor parte foi o tapa na cara. Ela retrucou dizendo que eu levaria outros sempre que a desobedecesse.

Giulietta já havia sido campeã brasileira e sul-americana de boxe infanto-juvenil. Perdeu a final do mundial depois de levar um cruzado da competidora japonesa. Praticava também natação, ciclismo e atletismo. Foi medalha de ouro no Iron Woman, uma prova que envolve três quilômetros e oitocentos metros de natação, cento e oitenta quilômetros de ciclismo e quarenta e dois quilômetros de atletismo em 2020.

A conversa era sobre investimentos. Giulietta vasculhou minha vida completamente. Soube que eu estudava inglês sozinho e quis me propor abrir uma empresa para eu administrar. Era um empreendimento na área de serviços administrativos e jurídicos voltados para pessoas e negócios dos Estados Unidos. Eu recusei no início. Ela disse:

— George, para de fazer cena. Você é um rapaz jovem, esforçado e inteligente. Aceita essa oportunidade que eu estou te dando. Além do mais, eu não estou tentando te comprar. Sei que você é um menino honrado, de valor. Separados, nós já vamos longe. Juntos podemos fazer coisas grandes e muito rentáveis para nós.

Eu aceitei e combinamos as condições. Giulietta fez imediatamente o saque de um dinheiro

não declarado para a Receita Federal que tem nas Ilhas Cayman, famoso paraíso fiscal do Caribe. Ela aportou dez milhões de dólares com recursos próprios na operação. A operação foi apelidada de Houston Business Solutions e atende clientes nos Estados Unidos, Canadá, Grã-Bretanha, Portugal, Luxemburgo, Bélgica, Singapura, Hong Kong, Coreia do Sul, Japão e China.

Após acertarmos as condições, fomos para um jantar na famosa Churrascaria Inconfidência, localizada na Zona Sul de São Paulo. Giulietta dirigiu seu carro blindado e me levou no banco do carona. A única condição que ela me impôs foi a de não falarmos sobre trabalho. Ela tivera um dia cansativo, pois um investimento que fizera na Noruega teve retorno muito abaixo do esperado. Assim que chegamos, veio um manobrista para guardar o carro dela.

Ao entrarmos, fomos acompanhados pela recepcionista do local, que nos acomodou na mesa que Giulietta havia reservado. Logo o maître veio trazendo a carta de vinhos. Como eu não entendo nada daquilo, Giulietta escolheu um vinho tinto produzido no Chile. Bebemos enquanto aguardávamos o rodízio. Conversávamos sobre tudo: política, economia, atualidades e humor. Em especial, me chamava a atenção a forma com que Giulietta me ensinava a praticar crimes financeiros. Ela sabia desde como fraudar uma licitação em São José das Couves até abrir uma empresa fantasma em paraísos fiscais. Entre uma carícia e outra que trocamos, ela me dava um show de esperteza e habilidade em fugir da Polícia Federal.

A noite acabou e eu pedi um táxi para voltar para Sorocaba, onde eu morava. Eu me ofereci para pagar a conta sozinho, mas Giulietta disse que preferia fazer isso e ter esse crédito comigo. Voltei para casa rapidamente, em cerca de uma hora e meia. Dormi e fiz minhas duas horas de caminhada quando acordei.

Na manhã seguinte, comecei a trabalhar no empreendimento de Giulietta. Era tudo novo, e isso é o que mais me encanta. A sala na qual eu trabalhava ficava lado a lado com o escritório de Giulietta. Eu precisei falar com ela e fui até onde ela se encontrava. Como a porta não estava trancada, abri e entrei. Para minha surpresa, vi Giulietta entregar duas malas de viagem cheias de dinheiro para Salim Nagib Arafat, doleiro famoso de Brasília.

Pedi desculpas e disse que voltaria outra hora. Giulietta me fez ficar, me apresentou ao visitante e disse que o mesmo já estava de saída. Eu perguntei a Giulietta as razões para ela

mexer com aquele tipo de pessoa e ela me respondeu:

- “Olha só: se for para você vir aqui atrapalhar meus negócios, é melhor fazer meia volta. Bom era quando você buscava clientes pelas ruas de Sorocaba. Essa não é uma luta pela castidade ou pela pureza da alma. Eu luto pela sobrevivência minha, da minha família e dos milhares de investidores e empregados que tenho. Você ainda é um garoto, não tem experiência com a vida”.

Na outra semana, ela me pediu para visitar o referido lobista. Ao chegar com o dinheiro, fui recebido por Salim. Ele me ofereceu água e café. Eu recusei. Então, ele conferiu os valores e disse que estava tudo certo. Logo após, puxou um assunto:

- A Giulietta me disse que você é contra o trabalho dela.
- Eu não sou contra. Só acho a forma com a qual vocês trabalham errada.
- George, você é muito jovem, ainda. Tem muito para aprender. Eu conheço a Giulietta desde criança. Fomos até namorados, antes de ela morar nos Estados Unidos. Meu pai era compadre do doutor Antônio Augusto, pai da Giulietta. Você ganhou o bilhete premiado. Não desperdice essa chance que a vida está te dando.

Fiquei sem palavras. Me despedi do meu antecessor e voltei para São Paulo.
A vida seguiu. Eu continuava trabalhando muito, pois não queria fazer feio frente às oportunidades que Giulietta estava me dando. Mas nem tudo eram flores.

Em paralelo a isso, Giulietta foi chamada até Brasília por estar inadimplente com a caução da rodovia BR-159, ligando o Acre à Bahia. Mesmo após vencer a concorrência para execução da obra, o Grupo Lopes Lima não efetuou o depósito da garantia dentro do prazo determinado pelo edital da licitação. Também é fato que apenas oito ou doze empresas têm capacidade econômica para a execução da obra. Todavia, quando consideradas as fontes alternativas de receita, como a exploração de terrenos marginais para restaurantes, lanchonetes, postos de gasolina e hotéis, por exemplo, apenas o conglomerado de minha musa tem estrutura para fazer a obra. Apesar da minha insistência em participar da dita reunião, Giulietta recusou minha presença e disse que a pauta ali era política, e não jurídica.

A antessala do gabinete era silenciosa demais, daquele silêncio constrangedor que só existe em repartições públicas de Brasília quando alguém importante está prestes a explodir.

A secretária do ministro ergueu o rosto, aflita:

— Senhora Giulietta, o ministro está em reunião. Se puder aguardar só mais um instante.

A porta se abriu antes que ela concluísse.

Giulietta entrou. Sem bater. Sem pedir licença. Sem olhar para ninguém.

Luís Carretão — ministro dos Transportes, advogado medíocre, político mediano e ladrão de primeira classe— engasgou com o próprio espanto.

— Dona Giulietta… eu… eu estava em—

— Reunião. — Ela completou, largando a bolsa de couro legítimo na mesa dele como quem deposita uma sentença. — Pois agora está comigo.

O assessor do ministro encolheu-se sob a mesa. Giulietta nem o notou.

Carretão pigarrou, sem coragem de enfrentá-la.

— A senhora deixou vencer o prazo para o depósito de caução da BR-159… isso coloca o ministério numa posição delicada. Sabe que eu posso declarar a senhora inadimplente, não sabe? Isso pode suspender todas as obras do seu conglomerado.

Silêncio.
Giulietta ajeitou o cabelo, com a calma de quem decide o destino de um país antes do café da manhã.

Ela caminhou devagar até a janela, observou a Esplanada, depois voltou os olhos — frios, impecavelmente frios — para o ministro.

— Luís… você tem mesmo certeza de que quer falar comigo nesse tom?

O ministro tentou manter a pose.

— Eu tenho responsabilidades com a República.

— A República? — Giulietta riu. Um riso curto, seco, como o estalo de um chicote. — Luís, por favor. Você não consegue conduzir nem a própria vida, quanto mais a República.

Ela se aproximou até que o ministro tivesse de recuar na cadeira.

— Se eu cair nessa história da caução… — disse ela, baixinho — eu levo junto metade da bancada do seu partido. Começando por aquela dúzia de deputados que recebem mesada do Grupo Lopes Lima para "votar conforme a consciência". Uma consciência bem cara, aliás.

O ministro empalideceu.

Giulietta continuou:

— E já que estamos sendo francos… — inclinou o corpo sobre a mesa — eu posso interromper hoje mesmo a transferência mensal que você recebe através da conta especial da holding na Suíça. A mesada que garante seu apartamento funcional decorado pela sua amante e por aquele arquiteto péssimo que você acha moderno.

Carretão suou.

Ela não terminou.

— Ah, e claro… — disse, com um sorriso educado demais — eu posso muito bem ligar para o seu padrinho, o senador Nakama, e avisar que você cogitou me enfrentar. E aí, meu querido… ele te enterra politicamente em menos de vinte e quatro horas. Nakama odeia políticos indiscretos. E você, convenhamos, nunca foi brilhante.

Carretão respirou fundo, trêmulo.
Giulietta deu dois passos para trás, como quem decide encerrar uma brincadeira que já perdeu a graça.

— Quanto às suas viagens internacionais… — Ela o mediu de cima a baixo, com puro desprezo. — Pode esquecer aquelas excursões ridículas para Tóquio, Paris e Orlando. A sua esposa — aquela baranga com gosto duvidoso para roupas — vai ter de aprender a comprar no free shop como o resto da ralé.

Ela pegou a bolsa, virou-se para a porta e acrescentou, sem sequer olhar para ele:

— E trate de renovar a caução da BR-159 até amanhã às 18h. Você fará isso sorrindo. Porque se não fizer… Luís, eu juro que transformou seu nome num caso de estudo sobre falência política espontânea.

A porta bateu atrás dela.

O assessor do ministro soltou finalmente o ar e quase desmaiou após se levantar novamente.

Carretão limpou o suor da testa, ainda pálido, e murmurou:

— Meu Deus… como é que ela ainda não é presidente deste país?

Capítulo 4: Escândalos, Prisões e Revelações

A Polícia Federal havia iniciado a Operação Auto Peças, que investigava o uso de empreendimentos automobilísticos para lavar dinheiro conseguido através de licitações fraudulentas e desvios de recursos públicos. Centenas de agentes políticos foram presos e fecharam acordos de delação premiada com o Ministério Público Federal.

Por óbvio, o principal alvo dos investigadores era Giulietta Lopes. E foi justamente a porta da casa dela que eles arrombaram em 15/08/2021. Chegaram de madrugada e ficaram na porta. Quando o dia começou a clarear, eles entraram na casa. Levaram Giulietta e Dona Giulia, além de computadores, documentos e tudo mais que fosse de interesse, ainda que remoto, da investigação.

Mesmo tendo ao seu dispor as maiores bancas de advogados do país, foi para mim que Giulietta ligou primeiro. Cheguei à Superintendência da Polícia Federal junto dela. Disse ao delegado para não colocá-la junto das outras pessoas detidas, visto que os riscos envolvidos eram muito grandes, no que fui prontamente atendido. Giulietta ficou em uma sala com quarenta metros quadrados, equipada com TV, computador pessoal, frigobar e banheiro.

Eu fui ao tribunal imediatamente. O presidente do órgão já me esperava, pois Salim o avisou da minha chegada. O ministro me recebeu na porta de seu gabinete. Me disse para sentar. Eu respondi que seria rápido e fiquei em pé. Alertei que manter Giulietta presa era um risco para a maior parte das autoridades públicas do país. Do mais simples vereador no baixo clero até o presidente da República, todos ali lhe deviam favores. O encarceramento aumentava em muito os riscos de uma possível delação premiada e, por isso mesmo, não sobraria pedra sobre pedra.

Quando saí do tribunal, havia muitos veículos de imprensa me aguardando. Um repórter me

perguntou sobre o que eu tinha para dizer sobre a prisão de Giulietta. Eu respondi:

- Giulietta Lopes é realmente uma mulher de aço. Perdeu o pai muito cedo, aos vinte e cinco anos. Trancou seus estudos nos Estados Unidos e abandonou propostas melhores por lá. Voltou ao Brasil às pressas, apenas com a roupa do corpo e alguns objetos pessoais. Mesmo com o coração enlutado, assumiu o controle do Grupo Lopes Lima e vem levando a operação com maestria.
- Não bastasse isso, investe em um país com juros altos, inflação descontrolada e tributos impeditivos de qualquer atividade econômica. De bônus, essa nação ainda manda prender, às vezes, alguns de seus maiores e mais produtivos empreendedores. Esse tipo de atitude por parte das autoridades judiciais e policiais compromete nosso desenvolvimento não só no presente, como também pelas décadas seguintes e gerações futuras.
- Os projetos de infraestrutura investigados são vitais para a prosperidade do país. **Os únicos crimes que Giulietta Lopes cometeu são amar e acreditar demais no Brasil. Esses erros, na minha visão, são imperdoáveis.**

Logo após a entrevista, entrei no carro e fui rumo ao aeroporto, onde embarquei de volta para São Paulo. Giulietta foi posta em liberdade provisória logo após a minha saída do tribunal, pois seu habeas corpus estava fundamentado no medo que muitos políticos tinham de ser presos. Dona Giulia foi para a prisão domiciliar. Muitos especialistas em Direito Penal chamariam isso de embargos auriculares. Eu chamo de chantagem por amor.

Cheguei em São Paulo no final da tarde. Giulietta me ligou dizendo que havia sido solta e me convidou para comer um macarrão com carne moída em seu apartamento localizado no bairro de Jardins, área nobre de São Paulo. Eu aceitei e logo pedi um carro para me levar até ela.

Ao abrir a porta, Giulietta já me dá um beijo na boca. Disse que eu sou o melhor advogado do mundo e me perguntou o que eu havia feito para conseguir sua liberdade de forma tão rápida. Eu respondi:

- Dizem que o melhor advogado criminalista é aquele que pisa na lama sem se sujar. Mas, por você, Giulietta Lopes, eu não só piso na lama e me sujo. Eu mergulho na sujeira de terno e gravata, sem equipamentos de proteção. Eu sou capaz até de beber o barro molhado de canudinho.

Giulietta fechou a porta e foi para o fogão terminar o prato que estava fazendo. Enquanto acabava de secar o arroz, pegou uma garrafa de Dom Pierre para bebermos juntos, o famoso champagne. Contou-me que trouxe em sua última viagem que fez para a França. Abriu a bebida e serviu o jantar todo sozinha. Eu até tentei oferecer-lhe ajuda. Mas ela sabia que eu não tenho prática e preferiu não arriscar.

Comemos o banquete enquanto trocamos experiências. Eu a contava minhas piadas de um garoto feio, pobre e sem graça. Ela, mulher elegante, experiente e bonita, me contava sobre seus passeios, estudos e até fazia piadas com alguns de seus ex-namorados, sendo Salim a principal vítima.

A noite foi ficando cada vez mais escura e eu não tenho costume com espumantes. Fiquei embriagado, de novo. Lembro-me de terminarmos de jantar e eu ter lavado a louça. Fui tonto para a cama, enquanto ganhava beijos cada vez mais intensos de Giulietta. Não me recordo de mais nada.

Quando acordei, no outro dia, Giulietta vestia minha camisa social e estava deitada ao meu lado, na cama. Eu a perguntei:

- Giulietta, nós não fizemos isso. Ou fizemos?
- George, nós fizemos isso sim e foi maravilhoso.
- Meus Deus, eu nem sei como me desculpar.
- George, você não precisa pedir desculpas. Você faz eu me sentir eu me sentir amada, desejada e viva, como há muitos anos eu não me sentia.
- Eu planejava algo mais romântico para nós. Estava escolhendo entre a Serra Gaúcha e as praias de mar transparente do Caribe. Queria que nossa primeira vez juntos fosse algo especial e inesquecível.
- George, essa noite ficará para sempre em minha memória, pode ter certeza disso. Por mais que você estivesse bêbado e eu também, seu toque, seu olhar e a forma com a qual você demonstra desejo por mim me fazem cada dia mais viva. Você faz eu me sentir jovem, de novo. Quando te vejo, me sinto uma menina de dezesseis anos, vivendo meu primeiro amor.

Nos demos outro beijo prolongado e quente. Fomos para o banho. A classificação indicativa não me permite descrever o que rolou sob o chuveiro quente naquela manhã de inverno.

Vestimos nossas roupas e fomos alternando entre mãos dadas, beijos e abraços, para a sede do Grupo Lopes Lima.

Eu não havia contado nada dos meus esquemas, até agora. Mas, a verdade é que eu também tenho meus rolos e nem a Giulietta sabe disso. Meu jeitão varia entre um agroboy de baixo orçamento da Shopee e um padre franciscano. Costumo ser calmo e quase nunca altero meu tom de voz. Mas estou envolvido até o pescoço com fraudes na lista de nomeação da advocacia dativa. Também atuo de maneira irregular para a máfia dos combustíveis. Na verdade, a Giulietta acha que eu sou santo. Perto dela, eu até tento ser mesmo. No entanto, eu também preciso me virar e já estava na lama, antes mesmo de conhecer minha deusa.

Um belo dia eu fui pego em um dos grampos telefônicos da Operação Auto Peças. Eu estava pedindo ajuda para Salim neutralizar uma juíza que investigava meu envolvimento com a máfia dos combustíveis. Então, eu disse para meu interlocutor:

- Salim, você precisa levar a doutora Chelsea Trump para a cama.
- Para com isso, George! Eu trabalho em muitos esquemas. Mas esse pedido seu é muito arriscado.
- Salim, não é fetiche não, Velho! É trabalho, viu?
- Eu sei, George. Mas eu tenho minha esposa e meus filhos. Estou envolvido em muita sujeira.
- Eu já contratei uns homens, umas mulheres e pessoas não binárias. Mas essa juíza é difícil de chegar junto. Ela tem um estilo durão e forte, quase incorruptível. Eu posso te dar prazo até o próximo domingo. Se você não fizer o serviço, eu mesmo o farei.
- Nesse domingo agora?
- Não, no outro.
- E se a Giulietta te pegar nesse esquema?
- Rapaz, essa é a pior parte. As outras mulheres com quem eu me relacionei eram burras. Mas a Giulietta é esperta, pega tudo no ar. Quando for passar na TV, eu a aviso e digo que não é mentira.
- George, você está brincando com fogo. Já experimentou um tapa na cara da Giulietta?
- Já sim.
- Então, é melhor você se cuidar. Se ela te pegar de porradas em um lugar fechado, esse seu rosto pode sair com um estrago grande.

Essa gravação ficou guardada por anos na sede da Polícia Federal, em Brasília. Às vezes, alguém até tentava me chantagear e mostrar isso para a Giulietta. Mas eu rapidamente dei um jeito de calar a pessoa.

O tempo passou e os meus encontros com Giulietta ficavam cada vez mais formidáveis. Eis que um belo dia, ela me liga no meio do expediente e diz:

- George, eu preciso falar com você. Te encontro hoje, no meu apartamento, às dezoito horas.
-

Eu não sabia do que se tratava. Imaginei que fosse algo sobre trabalho. Porém, a Giulietta veio com uma bomba para cima de mim:

- Eu estou grávida de um filho seu, George!
- Como assim, Giulietta? Grávida de um filho meu?
- É. Nós fizemos amor várias vezes nos últimos tempos. Minha menstruação atrasou. Fiz um teste de farmácia e não deu outra.
- Quanto tempo você tem de gestação?
- Sete semanas, George.

Meu Deus, aquilo havia me pegado em cheio. Eu vinha trabalhando tanto, estudando tanto e ainda tinha a Operação Auto Peças nos rastros de Giulietta. Não fazia sentido ter um filho naquele momento. E o problema nem era dinheiro. A mãe da criança já era rica e não precisava de auxílio financeiro. Minhas operações nos Estados Unidos também rendiam uma boa grana e dava para cobrir as despesas que viriam. Todavia, Giulietta e eu estávamos ocupados demais. Ela precisava viajar por vários países de todo o mundo e fiscalizar a execução das obras tocadas pelo Grupo Lopes Lima. Eu não podia nem dormir direito, pois o telefone sempre tocava com pessoas ao redor do globo querendo que eu as ajudasse.

Um belo dia eu vi Giulietta chegando em uma moto para trabalhar. Você leu corretamente. Uma moto. Eu não sabia como aquilo podia acontecer. Ela já estava com doze semanas de gestação e aquilo não fazia sentido algum. Fui até ela rapidamente e disse:

- Senhorita Giulietta Lopes, como você ousa pôr a sua vida em risco e a de nosso filho?

Levei outro tapa na cara. Ela me respondeu:

- Giulietta Lopes não é mulher de frescurinha, muito menos de ficar sob seu controle.

Eu lhe disse que iria entrar com uma ação para afastá-la de seu trabalho até o fim da gestação. Ela novamente me respondeu:

- Faça isso e você nunca mais me verá e nem poderá visitar seu filho. Tenho dupla cidadania e contatos nas principais embaixadas do Brasil e do mundo.

Ninguém faz tanto jus ao nome Dama de Aço como Giulietta Lopes. Seu temperamento difícil exige de mim cada vez mais sabedoria. No entanto, ela sabe ser doce e tem uma ternura inigualável. Por mais difícil que fosse, eu vejo que ela tenta ser alguém melhor, especialmente comigo.

A gravidez e o puerpério fizeram dela uma pessoa mais compreensiva. Ela estava fazendo terapia e desenvolvendo autocontrole. Comigo ela não era a CEO internacional. Era a companheira e mãe em todos os momentos.

Capítulo 5: Política, Queda e Nascimento

Os dias de rapadura estavam prestes a acabar. Enquanto Giulietta estava grávida, veio a campanha presidencial. A população estava insatisfeita com os políticos de sempre e buscava alternativas, por mais heterodoxas que essas fossem.

Moisés Carvalho Alencar era um político do baixo clero, com mais de trinta e cinco anos na vida política. Tinha um discurso armamentista, preconceituoso e com forte apelo para as massas. Afinal de contas, ninguém quer ser o culpado pela própria desgraça, não é mesmo?

Os principais feitos de Moisés são trocar de partidos políticos e de esposas. A troca de partidos se dava por seu oportunismo barato. Já suas companheiras foram abandonadas por ele imediatamente após completarem quarenta anos. A imagem de um homem forte e viril não combina com uma mulher mais velha ao seu lado.

De igual modo, não fazia sentido para um cidadão de bem, pai de família e cristão custear os exames de rotina anuais e obrigatórios para suas esposas, a partir de certa idade. Alguns procedimentos até são cobertos pelo plano de saúde do Parlamento. Porém, aqueles que são particulares têm o custo maior do que o gasto mensal de uma mulher mais nova, segundo seus cálculos de bar.

A plataforma de Moisés é cristalina: acabar com tudo isso que está aí, seja lá o significado que essa expressão tenha. Giulietta e o Grupo Lopes Lima estavam na mira do referido candidato. Apesar de muitos ativos, o conglomerado tem uma quantidade ainda maior de dívidas e o maior credor é justamente o Governo Federal.

A tensão só aumentava. A gravidez de Giulietta era de alto risco, especialmente por questões cardíacas. Com muito custo, eu a convenci a parar de trabalhar após a vigésima quinta semana de gestação. Em seu lugar, Dona Giulia acumularia as funções executivas junto com a presidência do conselho de administração.

Isso a deixou mais calma e tranquila, embora não resolvesse o problema. Giulietta e eu fazíamos caminhadas, natação e ela me usava como cobaia em suas lutas de boxe. Até as porradas e murros dela são doces. Eu fazia de tudo para que ela não visse as notícias, desligando a TV e ocupando a cabeça dela com outras coisas. Inclusive, tomei o celular dela, desinstalei alguns aplicativos e só a deixava ver suas mensagens à noite, alguns momentos antes de dormir.

Não obstante, as coisas iam de mal a pior lá fora. Cada ponto de pesquisa que Moisés ganhava fazia cair o valor do Grupo Lopes Lima na Bolsa de Valores em bilhões de dólares. Dona Giulia, coitada, fazia o possível para manter a empresa sólida que seu marido e sua filha tinham construído.

Então, o improvável aconteceu. Moisés venceu as eleições em primeiro turno, com cinquenta e cinco por cento dos votos, contra doze de seu principal adversário. A fuga de investidores fez o Grupo Lopes Lima entrar em recuperação judicial. Aquela empresa sólida de outrora dava lugar a um empreendimento em fim de festa: demissões em massa, venda de ativos, credores desesperados e Moisés pronto para quebrar a banca, mostrando-a como troféu para seus eleitores.

Até a posse do candidato eleito, a fortuna de Giulietta já havia perdido setenta por cento em valor de mercado, mesmo eu fazendo de tudo para ela não saber disso. Grande parte desse prejuízo se dava pelo caráter populista e imprevisível que Moisés prometera imprimir em sua gestão.

Mesmo vencendo o pleito com ampla margem, Moisés atacava as urnas eletrônicas com acusações infundadas de fraude e pedia repetidamente o voto impresso. Quando tomou posse, revogou todos os contratos do Grupo Lopes Lima e passou boa parte das obras para empresas de laranjas seus. A exemplo de Jânio Quadros e Fernando Collor, o novo presidente prometia acabar com a corrupção.

Ao longo da gestão de Moisés, advogados públicos e de empresas estatais pediram a falência do Grupo Lopes Lima por dezoito vezes. Nunca conseguiram. Quebrar um empreendimento desse porte não era apenas impossível do ponto de vista econômico. Esse fato também poderia levar a uma devassa no patrimônio pessoal de muitos políticos, que poderiam ser presos ou perderem seus cargos.

No meio dessa confusão toda, a gestação de Giulietta avançava. Eu havia me afastado da Houston para cuidar dela. O bebê que ela estava esperando era um lindo menino, o qual demos o nome do avô. Antônio Augusto de Lopes Botelho Neto nasceu em 15 de novembro de 2022, no Hospital Sírio Libanês, em São Paulo. Pesava pouco mais de três quilos e media trinta centímetros de comprimento. Como a mãe é vegana e ligada a pautas progressistas, o parto foi natural.

Um belo dia eu encontro com Marco Aurélio, diretor financeiro do Grupo Lopes Lima. Ele me perguntou nos corredores da empresa e me perguntou se era eu quem estava “pegando” a Giulietta. Eu lhe respondi:

- Para você, ela se chama Senhorita Giulietta Lopes. Em breve, ela será minha senhora, pois temos planos de nos casarmos.

O dito senhor falava isso como forma de me diminuir. Mas eu sabia que o trabalho dele se resumia na distribuição de propinas e mimos para os políticos mais inescrupulosos do Brasil. Se tornou famosa na imprensa uma lista na qual o Grupo Lopes Lima apelidava os políticos e dizia os melhores presentes, bem como as quantias que cada um deveria receber por mês. Nesse documento tinha de tudo, até nomes de alguns estimulantes sexuais.

Giulietta nem ficava sabendo desses problemas, não só durante a gestação, como também após o parto. Eu havia voltado para minhas atividades na Houston, após a licença de

paternidade. Optei pelo trabalho remoto, pois tenho assistentes muito bons.

Porém, meu pior pesadelo ainda estava por vir. José Carlos, aquele mesmo primo distante de Giulietta que tentou conquistá-la na festa, comprou o controle acionário do Grupo Lopes Lima. No entanto, mesmo sendo um investidor formidável, sua única motivação era se casar com minha parceira. E ele já chegou com os dois pés na porta. Mostrou para minha amada um dossiê completo com todos os meus esquemas, alguns dos quais eu nem me lembrava que tinha. Giulietta ficou arrasada e me ligou dizendo que precisava conversar comigo.

Fui até o escritório dela imediatamente. Na entrada, recebi um soco na cara de mão limpa. Giulietta quebrou meu nariz e eu nem tive tempo de pedir socorro. Na sequência, disse que a falta de confiança que eu tinha em relação a ela não se justificava e que ela poderia fazer com que meus trabalhos paralelos fossem muito mais rentáveis. Contudo, nosso relacionamento amoroso havia terminado.

Após procurar um hospital para receber os devidos cuidados, fui para casa e recebi uma ligação de Salim. Ele me disse que soube do ocorrido por pessoas próximas e que iria lá em casa. Em menos de dez minutos, ele veio me ajudar dizendo:

- George, eu sei o que você está passando. Perder uma mulher como a Giulietta é uma dor irrecuperável. Quando ela se mudou para os Estados Unidos, eu enlouqueci. Passei a tomar oito comprimidos diferentes para combater meus problemas psiquiátricos. Mas vai passar, eu garanto para você. O segredo é deixar a dor ocupar seu espaço. Não tente ser maior que sua perda, conviva com ela. Hoje eu sou um homem rico, influente e bem relacionado. Tenho uma esposa linda, que me ama e temos filhos maravilhosos. Mas eu trocaria tudo isso pela chance de ter a Giulietta de novo. Eu me tornei o mais famoso lobista do Brasil apenas para ficar perto dela, sentir seu cheiro e respirar o mesmo ar que ela. Não consegui ser o marido de Giulietta, pois a vida me colocou como mero coadjuvante na história dela. Mas sou o negociador preferido dela. E isso me basta. Rezo para ela todos os dias quando me deito para dormir. Você está com quantos anos?
- Vinte e cinco.
- Antes mesmo do seu nascimento, a Giulietta já treinava boxe comigo. Eu errei os meus socos de propósito. Deixava ela ganhar todas, por nocaute técnico. Nunca venci

um único round, sequer.

- Ela gosta mesmo do boxe.
- E você pretende fazer o quê?
- Bem, eu pedi demissão da Houston Business.
- Qual seu maior sonho?
- Vencer vários campeonatos de rali, Salim.
- Pois é isso que nós vamos fazer, George!
- Como?
- Eu tenho meus contatos. Consigo te colocar em alguma equipe de fábrica.
- E o patrocínio?
- Deixa comigo!

Enquanto eu me preparava para minhas corridas de rali, José Carlos fazia questão de exibir Giulietta sempre que tinha oportunidade. Diferente de todos os outros mineiros que eu conheci, o padrasto do meu filho é brega e cafona em um nível de dar dó e pena. Festas de aniversário, Natal, virada de ano, enfim, tudo era motivo para aquela cara pálida aparecer na mídia mostrando sua namorada como um troféu. Ela, pelo contrário, aparecia de frente às câmeras com um constrangimento sem tamanho.

Voltando à minha preparação para provas de rali, Salim conseguiu uma equipe para eu correr. Testei o carro no trajeto entre Goiânia e Fortaleza, buscando sempre estradas secundárias e desprovidas de pavimentação asfáltica. Porém, meu amigo sempre dizia que eu precisava conhecer o Chefe.

Foi então que durante uma viagem até Portugal, eu tive uma grata surpresa: Antônio Augusto Lopes Botelho estava vivo e com uma saúde de dar inveja. Cheguei até o escritório dele numa manhã ensolarada. O Sol de Lisboa ardia feito a chama de um caldeirão. Nesse momento, Salim nos apresentou. Quando o reconheci, minhas pernas ficaram trêmulas.

- Doutor Antônio Augusto, não acredito que o senhor esteja vivo.
- Estou sim. E muito bem vivo. Você é meu genro?
- Já fui. Mas Giulietta resolveu namorar aquele mala do José Carlos.
- Estou sabendo. Ele realmente é muito insistente. Desde pequeno, eu o via lançando aquele olhar de tarado sobre a prima. Nunca me enganou. Mas a Giulia quis evitar

problemas familiares e não me deixou proibi-lo de frequentar nossa casa. Quando a Giulietta começou a namorar o Salim, José Carlos fez de tudo para atrapalhar. Pagava outras mulheres para assediarem-no, tirava fotos e enviava para minha filha. Inclusive, foi ele quem impediu seu concorrente de estudar nos Estados Unidos. Você é um rapaz muito esperto e bem preparado, deve encontrar outra mulher facilmente.

- Não quero, doutor Antônio Augusto. Apenas a Giulietta me desperta desejo.
- Salim também dizia isso. E agora é casado com uma modelo internacional e tem uma bela família, inclusive.

Depois eu lhe perguntei as razões de ele ter sumido. Ele me respondeu que participou do Milagre Econômico Brasileiro, a partir de 1970. Segundo ele, os ciclos de crescimento do Brasil são razoáveis, até. Porém, depois a crise vem forte, com tudo o que tem de direito. Inflação, juros altos e desemprego.

A verdade é que o Grupo Lopes Lima já tinha uma dívida impagável quando o doutor Antônio Augusto desapareceu. No entanto, o boom das commodities aliado às mais diversas e criativas fraudes contábeis mascaravam a bomba relógio com explosão iminente.

Aproveitei o encontro para aprender mais. Doutor Antônio me ensinou muito sobre propinas históricas, como a construção de Brasília, Itaipu Binacional e até sobre rodovias internacionais.

Após voltar para casa, Giulietta decidiu abrir uma licitação para decidir quem se casaria com ela. José Carlos, Salim e eu disputamos uma corrida de cinco quilômetros pelo Centro de São Paulo. No final, ela sequer olhou o resultado. Disse que Salim havia vencido, pois demonstrou a consistência de uma vida inteira dedicada a ela.

Realmente, a dedicação que Salim tem por Giulietta é de dar inveja. Ele acata todas as ordens dela, sem o mínimo questionamento. Ao contrário do José Carlos, que é um doente, e de mim, que sou um candango, Salim estava presente na vida de Giulietta, quando solicitado. Por mais duro que seja, a disputa foi justa, no meu entender.

Capítulo 6: Separação e Carreira no Rali

O pior de tudo nem é perder a Giulietta. É saber que a perdi para um homem de verdade —

alguém que a faz feliz, muitas vezes às custas da própria felicidade, de uma maneira que eu nunca consegui. Antes daquela segunda-feira fatídica no Parque Campolim, eu nem sabia que Giulietta existia. Agora sei demais: ela existe, temos um filho juntos e, ainda assim, ela não me quer.

É como ter tocado o paraíso e descobrir que ele jamais foi meu. Eu apenas vivi uma vida emprestada, e o preço da devolução tem sido desastroso. Não tenho ânimo nenhum. Não me concentro no trabalho, não consigo ler Anna Karenina, abandonei até minhas caminhadas matinais.

Dói saber que não há espaço para mim na vida dela — e o pior é admitir que o outro merece o amor que eu não soube sustentar. Giulietta simplesmente me ignora. Não responde meus cumprimentos, sai de casa quando vou visitar nosso filho e me bloqueia em todos os perfis dela. Para ela, sou um estranho.

Não sou o galã que um dia ela disse enxergar. No mundo dela, virei alguém que deve ser esquecido. Talvez nem exista mais para Giulietta.

Meu castigo maior não é apenas a rejeição de Giulietta. É saber que ela vai se casar com um homem muito melhor do que eu, em todos os sentidos. Salim, além de chefe da equipe pela qual eu pilotava, é articulado, presente, romântico, poliglota e perigosamente sedutor. Ele encarna tudo o que eu tento ser todos os dias — e ainda possui aquilo que nunca terei: influência, prestígio e uma elegância natural que humilham meu esforço.

O Shopping Iguatemi já não é mais o mesmo. O Parque Campolim perdeu a cor. Sorocaba parece outra cidade. Quando passo em frente à casa de Dona Giulia, meus olhos se enchem de lágrimas — como se a própria rua gritasse quem eu já fui, quem eu sou e quem eu jamais conseguirei ser.

E, por mais que eu esteja realizando meu sonho de ser piloto profissional de rali, nada mais me desperta desejo. Como se o mundo tivesse apagado as luzes e deixado apenas o eco do que eu perdi.

Nesse clima de desalento começaram as corridas. Apesar da tristeza, consegui um terceiro lugar logo na minha primeira prova de rali, em San Marino. Ao cruzar a linha de chegada, vi Giulietta usando uma camisa azul igual à minha, da Blue Stone Motors.

Aproximei-me e disse:

— Muito obrigado por ter vindo assistir à minha corrida e torcer por mim.

Ela sequer hesitou:
— Eu não estou torcendo por você. Vim ajudar meu noivo, chefe da sua equipe. Além do mais, só me interessa que a Blue Stone Motors vença o campeonato de construtores. Não me importo com o Mundial de Pilotos.

— Sim, claro.

Afastei-me e fui receber meu prêmio. No entanto, a indiferença de Giulietta corroía mais do que qualquer prova de rali.

Aos poucos, reconheço que o herói galanteador que Giulietta um dia enxergou em mim não existe mais — talvez nunca tenha existido. Tornei-me *persona non grata* aos olhos da minha musa, e por mais doloroso que seja, preciso aceitar essa condição.

No fundo, acho que eu nunca fui aquele homem invencível que ela acreditava ver. Apenas aceitei esse papel para não contrariá-la — ou para viver na ilusão de que eu merecia estar ao lado dela.

Após várias provas disputadas, eu venci sete das doze corridas disputadas. Haviam outros pilotos muito competitivos. Mas Salim conseguiu montar um time dos sonhos, com profissionais experientes.

Saltei do carro exausto, coberto de poeira e suor, quando o engenheiro confirma pelo rádio:

— George, você é campeão do mundo.

O paddock explode. Fogos. Flashes. O grito da equipe.
E no meio do caos, **ela aparece**.

Giulietta surge entre os mecânicos, usando a camisa azul da Blue Stone.
O olhar dela — frio há meses — agora está trincado, como se algo por dentro tivesse cedido.

Ela chega tão perto que eu sinto o perfume que tentei esquecer.

Sem pedir licença, **puxa-me pela gola do macacão e beija minha boca diante de todos**. Ao fundo tocava um clássico da música latino-americana, imortalizado pelo igualmente brilhante cantor mexicano Cristian Castro: AZUL.

Não é um beijo romântico — é urgente, violento, carregado de raiva, orgulho, desejo não resolvido e uma saudade que ela jamais admitiria.

Quando se afasta, parece surpresa consigo mesma.
A voz sai num sussurro que só eu escuto:

— No seu quarto de hotel, você terá um presente especial.

Eu nem respondi. Não sei se aquilo é amor, crueldade ou piedade.

Antes que eu consiga entender, um braço forte me envolve: **Salim**.

O abraço não é de rival. É um homem que reconhece o mérito do outro — e a dor dentro de si.

Salim sorri com elegância triste e diz, baixo, apenas para mim:

— Ela sempre pertenceu ao vento, George. Não a nós.
Mas hoje é sua noite.
Vá. Aproveite. E seja gentil com ela — por mim.

Ele me solta com um tapinha no ombro, como quem passa o bastão de uma vida inteira.

Eu fiquei ali parado, segurando o troféu com uma mão e, com a outra, o lugar onde Giulietta me beijou — sem saber se ganhei o maior prêmio da minha vida, ou outro tipo de condenação.

FIM

POSFÁCIO

Peço licença aos meus queridos leitores para um agradecimento mais que especial, que dedico à Giulietta. Sei que esse não é o seu nome, mas optei por chamá-la assim para dar melhor estilo ao texto e me proteger de possíveis ações judiciais.

Cada passo em sua direção faz de mim uma pessoa melhor. Tenho me cuidado mais, praticado esportes, cuidado da minha saúde, estou me tornando mais compreensivo e tolerante.

Você não me conhecia, e eu tampouco a conhecia até poucas semanas atrás. Ainda assim,

posso dizer que meu desejo por ti nasceu no instante do primeiro olhar. Sentir o calor das suas mãos fez emergir em mim um novo homem. Nem todos os minerais preciosos do mundo pagariam a sensação de te conduzir, ainda que por poucos metros, até aquele sofá. Para ser honesto, eu me senti o rei de Mônaco por andar ao seu lado.

Hoje olho para esses monarcas absolutistas modernos, aqueles que moram em palácios de ouro e penso comigo: coitados. Eles não sabem o quanto é libertador o toque das mãos de Giulietta.

Antes de te conhecer, eu dizia que meu objetivo de vida era conquistar dinheiro para fazer viagens continentais de moto e corridas de rali. Contudo, minha disputa agora é contra o tempo. Sei que preciso de ganhar dinheiro para pedir sua mão, antes que alguém mais rico e bonito o faça.

Até hoje eu olho para o canto esquerdo daquele sofá e penso sozinho comigo mesmo: esse móvel já foi trono de uma rainha. Fiquei durante mais de uma semana sem lavar as mãos, tomando banho com luvas, para não perder seu cheiro.

Você despertou em mim uma vontade incontrolável de viver, abrindo meus olhos para além dos textos e vídeos em inglês que ocupavam meus dias. Os gráficos econômicos que eu perseguia desesperadamente na internet perderam lugar para as suas fotos, que agora visito com frequência.

Você me faz ter vontade de voltar para a igreja e de nunca mais beber uma gota de álcool, sequer. Com você, eu quero desbravar os sete mares, correr maratonas e ser pai de três filhas, pelo menos.

Você não sabe. No entanto, eu sou declaradamente neoliberal. Leio Friedman, Mises, Hayek, Rothbard e Quesnay. Não obstante, por ti, eu tenho vontade de subir no palanque dos vermelhos socialistas e bradar aos quatro ventos que o “Painho” é a alma mais honesta do Brasil, só para te agradar e mesmo não acreditando nisso. Por você, eu sou capaz de abraçar o tipo de pessoas que mais desprezo: os políticos. Não obstante, você me faz esquecer meus dogmas a cada dia mais.

Quando você me perguntou por que eu não fui à festa, eu travei. Fui evasivo. A pessoa que você havia conhecido na semana anterior se recusava a desaparecer, por mais necessário que fosse. Sob a casca de um homem jovem e brincalhão, havia alguém repleto de sombras — e você, de algum modo, percebeu.

Mas você se foi com a mesma intensidade que chegou. Não responde às minhas mensagens. Talvez nem lembre do meu rosto ou do meu nome. Está mais do que certa. Para que guardar na memória um homem feio, pobre e sem graça?

Ainda assim, eu me lembro de você. E peço a Deus que derrame bênçãos em todos os seus caminhos. Nesse momento você deve estar em alguma praia paradisíaca das Maldivas. Acredito que tenha encontrado um homem mais novo, mais cheiroso, mais bonito e rico que eu. Para ser sincero, eu peço isso a Deus todos os dias, antes de dormir. Creio que ele tenha imóveis, aeronaves, embarcações, investimentos diversos e muito dinheiro no banco.

Se algum dia, você ler esse texto, saiba que eu admiro muito sua pessoa. Não apenas pelo que você fez comigo, como também pela sua postura de garra e de luta diante da vida, mesmo enfrentando tantos desafios. De todos os amores que eu não tive, você é o que eu mais sinto saudade, Giulietta.

Por último e não menos importante: Muito Obrigado por me dar de presente essa linda história. Você me encontrou como um jagunço, sem cortar o cabelo e com a barba sem fazer há mais de um mês. Hoje sou um pouco menos aquela figura grotesca e me considero um romancista em formação.

Talvez eu tenha sido apenas poeira em sua estrada — ou nem isso. Mas saiba: **você tem em mim um aliado de primeira hora, para sempre e independentemente de qualquer coisa.**

Errata: esse texto foi escrito por um autor independente, sem vínculo algum com o mercado editorial. Por isso, a obra pode conter erros dos mais diversos. Não foram possíveis ainda edição e revisão profissionais, o que não impede que estas sejam feitas no futuro.

Peço perdão a você, meu querido leitor, pelas falhas já citadas. Como já mencionado, dúvidas, sugestões, críticas e elogios são bem vindos, desde que sinceros.